

SOBRE TEMPESTADES E MARINHEIROS

Luiz Alex Silva Saraiva¹

Conhece-se o marinheiro quando vem a tempestade.
Ditado popular

O preocupante avanço da escuridão corporificada em gente de fé cega e de facas amoladas concretiza uma estúpida guerra santa contra tudo e contra todos. Pouco importa se fatos são apresentados, pouco importa qualquer outra coisa que não seja o receituário idiota e repetido à exaustão pelos conservadores que hoje assombam todo o mundo, em particular o Brasil. Pessoas que vivem em estado de vitimização doentia, o que supostamente as exime de todas as espécies de agressão que cotidianamente praticam. Veem-se como os “escolhidos de Deus”, a quem cabe julgar e por o mundo de volta nos eixos, não tendo constrangimentos de qualquer ordem em propagar seus moralismos a quem quer que seja. A qualquer sinal de oposição, se apresentam como atacados, como perseguidos, perseverando na sua agenda de autocomiseração recheada de mentiras e ilusões.

Quando este grupo se aproxima da política, como perigosamente se observou nas últimas décadas, o resultado é, previsivelmente, desastroso: gente ignorante e crédula, vociferando ódio contra a ciência e todas as pessoas que se alguma forma se baseiem na razão, se apossando de uma estrutura pública laica, para dela fazer palanque para a sua intolerância. Com isso se tornou comum a ocupação de altos cargos públicos por

¹ Editor-chefe da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/8812184151373749>. <https://orcid.org/0000-0001-5307-9750>. saraiva@face.ufmg.br. Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas. Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34097235.

pessoas despreparadas, comprometidas apenas com a conversão de fieis para a sua fileira de idiotas. E como se não bastassem esses elementos, tais pessoas ainda são desonestas e mesquinhas em muitos dos casos, o que as transforma em felizes colaboradores no projeto de desmonte do Estado e de suas instituições em prol da iniciativa privada.

Sem vergonha, sem cerimônias e sem escrúpulos, essas criaturas desqualificam, atacam e quando possível, substituem pessoas de reconhecida competência ao aviltarem a ciência a uma “questão de opinião”. Atacam tais pessoas porque são incapazes de com elas argumentar em razão de a histeria dos altares não trazer qualquer espécie de qualificação para a discussão (Saraiva, 2019). Ao calarem essas vozes, e ao substituí-las por uma avalanche de mentiras deslavadas produzidas em série e permitidas pelas instituições – parceiras do desmanche – produzem ameaças concretas à democracia à medida que se colocam como cúmplices de uma imunda campanha de beneficiamento unilateral de capitalistas, em detrimento direto do povo.

Todavia, é notável a capacidade de negação dos conservadores. Alegam estar agindo apenas em função do resgate de valores e de a sociedade como ela deve ser, empregando argumentos religiosos para tanto. Escondem a todo custo sua hipocrisia, sua corrupção e, essencialmente, que são pessoas doentes. Não que isso as exima de nada, uma vez que optam por sê-lo, abraçando conscientemente as trevas da ignorância (Saraiva, 2016; 2014). Mas são parte de uma epidemia de indiferença que tristemente nos assola.

Han (2017, p. 8) fala de uma violência neuronal a que estamos sujeitos nos tempos atuais. Vivemos um

dispositivo imunológico, que ultrapassou o campo biológico adentrando no campo e em todo o social, ali foi inscrita uma cegueira: Pela defesa, afasta-se

tudo o que é estranho. O objeto da defesa imunológica é a estranheza como tal. Mesmo que o estranho não tenha nenhuma intenção hostil, mesmo que ele não represente nenhum perigo, é eliminado em virtude de sua *alteridade*.

O estranho deve ser excluído custe o que custar. A indiferença ao outro cria uma reação brutal de aversão ao que se apresenta como distinto de nossas idiossincrasias, ocasionando eventuais justificativas para a adesão radical a qualquer forma violenta de exclusão do outro. Essa epidemia de indiferença parece encontrar terreno fértil particularmente no Brasil. A luta para acessar o poder institucionalizado, cada vez mais suja e encarniçada, significa, a rigor, a possibilidade de implantar, de forma legítima, uma política de exclusão contra aqueles que pareçam estranhos.

Os ditos “normais” ignoram que “diferenças e identidades não são elementos neutros, biologicamente determinados ou características apolíticas”, como nos diz Souza (2014). Ser diferente, assim, é o suficiente para justificar ataques de toda ordem. Antes de ser enxotados todos os diferentes, contudo, é preciso haver uma estranha pedagogia da exclusão, com o aviltamento e a humilhação dos diferentes, devendo-lhe ser ofertadas possibilidades de arrependimento e salvação, um *script* tão cínico quanto crescentemente presente no nosso país. Esse cenário de tempestade nos sugere o tipo de marinheiros que devemos ser, pois a bonança virá, cedo ou tarde.

Este último número de 2019 da **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade** traz contribuições muito potentes. Na **Capa**, *Tempestade*, contamos com a contribuição de uma pintura de *Neusa Rolita Cavedon* e o texto de *Deise Luiza da Silva Ferraz*. Em conjunto, imagem e texto nos remetem à desordem trazida pela tempestade, e a necessidade de nos recompormos para poder passar pela turbulência da chuva.

Temos neste número o PRAZER de publicar uma homenagem à Professora Neusa Rolita Cavedon, uma das mais importantes pesquisadoras brasileiras nos Estudos Organizacionais. Para isso, convidamos Josiane Silva de Oliveira como editora especial, com o propósito de levar a cabo esta empreitada. Ela convidou diversas pessoas tocadas nas suas trajetórias pessoais pela professora Cavedon, e desde já somos gratos pelo empenho nesta merecida homenagem.

A seção **Homenagem a Neusa Rolita Cavedon** é composta por seis textos. No primeiro deles, *Etnografia como um processo de (re)educação de subjetividades: feminismos negros e a aprendizagem etnográfica com Neusa Cavedon*, assinado por *Josiane Silva de Oliveira*, ela discorre sobre as práticas de ensino da etnografia da homenageada articuladas ao seu processo de reconhecimento como mulher negra nessa área enfatizando contribuições teóricas do feminismo negro para a etnografia.

Leticia Dias Fantinel e Marina Dantas de Figueiredo, em *A experiência acadêmica do afeto, ou memórias (e interlúdios) de nosso aprendizado com Neusa*, enfocam o afeto como forma de estabelecer relações com o meio acadêmico e de produção de conhecimento engajado, atento, sensível e crítico. Ao revisitarem o legado de Neusa Cavedon como pesquisadora, consideram que imprimir afeto nas relações de pesquisa foi uma postura que lhes marcou à época de suas experiências de orientação, e que isso influencia suas formas de fazer ciência e de se relacionarem com o meio científico.

Com o objetivo de discorrer sobre os encontros de Neusa Cavedon com a Antropologia e a Etnografia, assim como o seu próprio encontro com Neusa e esses campos, *Maria Tereza Flores Pereira*, em *Encontros etnográficos com Neusa Cavedon*, prioriza as relações constituídas em detrimento das protagonistas se baseando em suas próprias memórias, contribuindo para a reflexão sobre o fazer etnográfico e seu processo de aprendizagem.

Carolina Della Chiesa se propõe a homenagear as orientações realizadas pela professora Neusa Cavedon ao longo de sua trajetória acadêmica e sua ênfase no estudo de organizações a partir de um ponto de vista antropológico. Como ponto de partida, no texto *Artesanato intelectual à Portoalegrense: entre as artes, a cultura e o fazer da pesquisa*, ela trata da interdisciplinaridade a partir das artes e cultura com base em diversos feudos acadêmicos.

Já *Deise Luiza da Silva Ferraz*, no seu *Neusa Rolita Cavedon e a resistência à homogeneidade no processo de produção de saberes ou um escrito para agradecê-la*, trata de homenagear a Professora Cavedon enquanto mulher, intelectual, pesquisadora, professora e amiga.

Encerrando esta bela homenagem, *Luciano Mendes*, em *A ausência do presente, a presença do passado: memória, identidade e etnografia nos ensinamentos de Neusa Rolita Cavedon*, procura explorar e articular os conceitos de memória, identidade e etnografia, como forma de elucidar as contribuições que esse articulação possui para os estudos em Administração em geral, e para a sua vida acadêmica, em particular.

Quatro textos compõem a seção **Artigos**. *Gabriela Cordioli Coto*, *Raphaela Reis Conceição Castro Silva*, *Luis Moretto Neto* e *Silvio Antonio Ferraz Cario*, em *A construção ideológica do conceito de pobreza nos relatórios do Banco Mundial*, problematizam de que forma a pobreza é construída em documentos, por meio da dissimulação de relações desiguais engendradas no desenvolvimento dependente dos países da América Latina.

Invisibilidades no âmbito do trabalho de limpeza: um estudo em uma instituição federal de ensino superior é o título da contribuição de *Daiane de Lourdes Martins*, *Diego Luiz Teixeira Boava*, *Fernanda Maria Felício Macedo* e *Jussara Jéssica Pereira*.

Neste texto, os autores exploram a invisibilidade de trabalhadores de atividades pouco qualificadas em cinco unidades acadêmicas de uma universidade pública federal.

Ana Luisa Campos Moro e Claudia Weyne Cruz se propõem a compreender a situação laboral dos trabalhadores da capital gaúcha, dando luz às particularidades, precarizações e potencialidades em seu trabalho em *Cisões e ressignificações no trabalho: um estudo com municípios de Porto Alegre*. Com base na psicodinâmica do trabalho, a pesquisa revelou uma Organização do Trabalho rígida e baseada em um viés neoliberal de atuação, o que ocasiona sofrimento nos trabalhadores.

A última contribuição desta seção, *O sentido do trabalho para gestores de lojas em shopping center: o caso de uma cidade de feirantes*, de *Wagner Rocha Gomes e Elisabeth Cavalcante Santos*, apresenta os dados de um estudo realizado na cidade de Caruaru, na região do Agreste de Pernambuco. A partir da centralidade do trabalho na contemporaneidade, de forma situada, os autores consideram a realidade social e histórica da região em questão, tendo encontrado que o trabalho constitui elemento central nas vidas dos entrevistados, que reproduzem discursos gerencialistas contemporâneos. As conclusões apontam para embates entre tais discursos e os modos de vida e de trabalho tipicamente agrestinos, reforçando a existência de uma realidade híbrida no contexto do Agreste.

Na seção **Relatórios**, encerrando o número, apresentamos dois textos: no primeiro (*Pareceristas ad hoc – ano 2019*), registramos e agradecemos nominalmente a cada um dos colegas que, voluntária e generosamente trabalharam na avaliação e na melhoria do material submetido ao periódico. São eles e elas que concretamente permitem que **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade** cada vez mais se consolide como um lugar cada vez interessante na comunidade ibero-americana de Estudos Organizacionais. Muito obrigado. No segundo texto (*Estatísticas – ano 2019*), prestamos as contas das estatísticas da revista no ano de 2019 à nossa comunidade.

Retomando o título, encerramos este editorial com a certeza de que é a tempestade que demonstra que tipo de marinheiros somos e, principalmente, que tipo de marinheiros devemos ser. Em tempos como os atuais, é preciso estarmos prontos a enfrentar a tormenta nas suas diversas formas. Estejamos alerta!

Boa leitura!

Referências

Han, Byung-Chul (2017). *Sociedade do cansaço* (2a ed). Petrópolis: Vozes.

Saraiva, Luiz Alex S. (2019). Contra as bananas. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 6(15), 466-472.

Saraiva, Luiz Alex S. (2016). A escuridão da adesão somente a si. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 3(6), 1-9.

Saraiva, Luiz Alex S. (2014). Um farol nos estudos organizacionais brasileiros. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 1(1), 1-18.

Souza, Eloisio M. (2014). Poder, diferença e subjetividade: a problematização do normal. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 1(1), 113-160.

CONTRIBUIÇÃO

Luiz Alex Silva Saraiva

Texto individual, elaborado pelo autor.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

O autor declara que a contribuição é inédita.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor declara não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Saraiva, Luiz Alex S. (2019). Sobre tempestades e marinheiros. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 6(17), 799-806.